**A INCRÍVEL HISTÓRIA DA PRINCESA FEIURINHA**

 Clandestinos, grupo teatral de Uruguaiana, RS, sob a direção de Douglas Pereira, trouxe ao Cena Viva 2017, Festival de Teatro de Santa Rosa, RS, o espetáculo infantil A INCRÍVEL HISTÓRIA DA PRINCESA FEIURINHA., adaptação do texto original O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA, de Pedro Bandeira.

 A adaptação mantém-se focada na história de Feiurinha, deixando de lado todas as tramas paralelas de princesas do universo infantil, que são acionadas para resgatá-la (no original), pois a mesma caiu no esquecimento pela falta do hábito contemporâneo, da leitura. Parece-me ser o foco escolhido um ponto positivo do trabalho (contar única e exclusivamente a história da Feiurinha), para evitar-se o risco de alongar-se em demasia em histórias paralelas dispersivas, embora se perca, a moralidade acima exposta.

 De qualquer maneira, o grupo, a direção, enfim, troca - como costuma-se dizer - seis por meia dúzia, substituindo a distensão original, por outra, autoral, que se revela mais problemática e um tanto quanto enfadonha.

 A ambientação é o velho e tradicional truque de 'garotos vindos não sei de onde, indo para lugar algum', que, acidentalmente, encontram um velho livro, escondido dentro de um baú, estrategicamente colocado ao centro do palco. Eis a circunstância dada. No caso, os garotos (e uma garota) entram pela platéia tocando escaleta e entoando cantigas tradicionais brasileiras. Tudo muito bem. Tudo muito bom. Mas, para quê? Não há, em momento algum do espetáculo, um link que justifique a existência de tais canções, que poderiam servir para a introdução de qualquer outra peça. Há apenas a boa intenção de resgatá-las. Ou seja: dispensam-se as princesas do original, coerentes com o contexto da trama, e resolve-se, Deus ex Machina, quixotescamente introduzir cantigas alienígenas ao universo apresentado, a não ser pelo fato de serem infantis.

 O prólogo é excessivamente longo, onde não acontece nada além de um blá blá blá absolutamente dispensável, em que algumas brincadeiras de mau gosto são apresentadas, como pais jogando bebês ao alto como bolas de vôlei, e meninos dando pontapés na menina - companheira da aventura - por diversão.

 Os elementos de cena (os adereços, especificamente) são bem cuidados, assim como os figurinos, com uma ressalva: as cores são por demais escuras (com base preta), que somados à rotunda da mesma cor e à luz, praticamente fixa, a meio-pau, criam uma estética visualmente muito pesada. Acrescente-se a isto a verborragia. Resumindo, tudo leva a uma modorra monocórdia, que, em determinado momento parecemos tomados por um transe hipnótico, longe deste insensato mundo.

 Os atores são bons, dando conta do recado, sem problemas maiores que comprometam o andamento do trabalho. Falta à direção, que também se responsabiliza pelo personagem central do espetáculo, descobrir momentos em que um estalar de dedos traga a platéia de volta para dentro do trabalho. Há que sacudir a poeira e dar uma boa injeção de ânimo para levantar um espetáculo que, está bem encaminhado para acontecer com mais propriedade. Penso que os atores, o grupo, enfim, merecem ser melhor conduzidos para que o seu talento consiga se destacar mais e ser mais valorizado.

Antonio Carlos Brunet

Junho de 2017.